



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

“AQUÍ NA ESCOLA ALGUMAS PESSOAS TÊM MUITO PRECONCEITO”: GÊNERO E SEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR

Vivian Kallen Batista de Carvalho Reis; Mary Alves Mendes

*Universidade Federal do Piauí- UFPI, vivian-kallen@hotmail.com; Universidade Federal do Piauí- UFPI,
mryam@uol.com.br*

Resumo: A escola é um espaço plural e marcado por diferenças em termos dos/as sujeitos/as que a integram. Todavia, quando essas diferenças se transformam em desigualdades se instaura aí um problema. O presente trabalho tem como objetivo compreender os sentidos das práticas discursivas sobre gênero e sexualidades no contexto de uma escola pública, de ensino médio, em Teresina-PI, com a finalidade de identificar a presença de discriminações no tocante às mulheres e as pessoas LGBT por parte dos/as sujeitos/as que compõem a escola (docentes, discentes, corpo administrativo), tomando como referência os discursos dos/as estudantes. Esse estudo reflete sobre os fatores que geram, desencadeiam e/ou potencializam essas desigualdades nos intramuros da escola, e contribui para o quadro de desrespeito e violação aos direitos humanos nesse ambiente que se espera seja produtor de cidadania. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com aplicação de entrevistas semiestruturadas junto aos/as estudantes da referida escola e tratamento dos dados através da análise de discurso. Os resultados parciais da pesquisa sinalizam para discursos tradicionais e reguladores da heteronormatividade. Quando associados às mulheres sinalizam a presença de concepções tradicionais de gênero, relacionando-as aos afazeres da casa, considerando-as intelectualmente inferiores e criticando-as pela liberdade de práticas no tocante as relações afetivo-sexuais. Em relação às pessoas LGBT tem-se um teor regulador e defensor da heterossexualidade como padrão regimental do exercício ideal da sexualidade, onde as expressões e sentimentos homoafetivos são vigiados e coagidos a conter prazeres, desejos e afeições a fim de preservar uma boa imagem da escola.

Palavras-chave: Gênero, sexualidades, escola, desigualdades.

Introdução

A sociedade brasileira é marcada pela pluralidade e diversidades. Todavia, quando as diferenças que formam sua composição são alvos de desigualdades e discriminações entre as pessoas, esse fato se constitui em grave problema social. Olhar como as diferenças são tratadas através dessa lente é um exercício de reflexão importante sobre a produção de (des)igualdades sociais e de violações de direitos, atestando, muitas vezes, um cenário carregado de preconceitos e mediados por discursos e práticas que projetam e efetivam normatividades

socialmente legitimadas, principalmente quando se trata de relações de gênero e sexualidades em lugares como a escola.

A escola é, por excelência, um lugar de exercício das relações sociais as mais diversas e, se configura em dimensão importante na vida de cada sujeito/a, ao tempo que é um espaço marcado pela pluralidade daqueles/as que compartilham cotidianamente esse universo, uma vez que se constitui também como lugar primordial de socialização e sociabilidade, um espaço sociocultural, conforme Dayrell (1996), pautado nas relações sociais, permeado por



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

trocas, compartilhamentos, relações de afeto, mas também de conflitos que podem ser manifestadas das mais diversas formas.

Refletir acerca dessa multiplicidade de relações no contexto escolar significa pensar como as diferenças demarcam lugares e podem ser desencadeadoras de desigualdades de gênero e sexualidade. Considerar esse diálogo, possibilita ampliar o olhar sobre a escola ao tempo que contribui para perceber o quadro de preconceitos contra mulheres e pessoas LGBT. Entende-se que por trás da suposta naturalidade das práticas discursivas que envolvem essas diferenças sociais, pode ser comum a produção de preconceitos contra pessoas por seus comportamentos e/ou orientações sexuais, impondo-lhes comportamentos considerados adequados, bem como moralmente legitimados na escala hierárquica da sexualidade (PRADO, 2013).

O presente artigo tem como objetivo compreender as práticas discursivas de uma escola da rede pública de ensino integrado, em Teresina-PI, a respeito de questões relativas a gênero e sexualidades a fim de identificar a presença de preconceitos por parte dos/as sujeitos/as que compõem a escola (docentes, discentes, corpo administrativo), tomando como referência a percepção dos/as estudantes sobre a existência

dessas práticas discursivas no contexto escolar¹. No presente artigo será possível vislumbrar uma amostra da pesquisa de campo realizada em 2018, bem como esses discursos são acentuados por práticas tradicionais e reguladoras da heteronormatividade, assinalando para um contexto em que violências, discriminações e, conseqüentemente, as desigualdades em relação às mulheres e pessoas LGBT se fazem presente no contexto escolar analisado.

Procedimentos Metodológicos: traçando o caminho da pesquisa

Esse estudo toma como base de fundamento a epistemologia feminista, em sua crítica à concepção androcêntrica, tradicional e hierárquica da produção do conhecimento científico, ao tempo que reitera uma perspectiva situada dessas pesquisadoras em relação ao objeto pesquisado admitindo que as pesquisadoras são partes do que estudam, de modo a admitir as subjetividades como parte inerente à produção do conhecimento, assim como o uso de metodologias que permitam observar, compreender e analisar o mundo na sua diversidade, bem como as disparidades que ainda impetram as relações de gênero em várias esferas da

¹ A discussão empreendida nesse artigo é fruto de uma pesquisa de mestrado em sociologia, pela UFPI, que se encontra em andamento.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas da Ciência

sociedade, inclusive na própria ciência (CITELI, 2001; FOUCAULT, 2008; LONGINO, 2008; RAGO, 1998).

Considerando que o objetivo dessa pesquisa era compreender os sentidos dos discursos dos/as estudantes sobre gênero e sexualidade no âmbito da escola, a abordagem escolhida é a qualitativa visto que essa permite apreender o universo de significados, simbologias, valores e crenças que perpassam a percepção daquela realidade social compartilhada por alunos/as (MINAYO, 2009). Capturar os sentidos das falas, é conforme Cavalleiro (2010), uma oportunidade de ressignificar e perceber esse espaço e os/as sujeitos/as que dele fazem parte nos seus modos de ser, estar e participar.

A pesquisa de campo foi realizada em uma escola de ensino médio do sistema integrado de ensino da rede pública do Estado, situada em Teresina. A escolha por essa instituição deveu-se ao fato das autoras terem certa familiaridade com a escola devido à inserção do Programa Institucional de Bolsas de Incentivo a Docência – PIBID (área sociologia), na escola.² Tal inserção permitiu que se conhecesse o dia a dia dos alunos/as, docentes, direção e coordenação, bem como as relações estabelecidas por eles/as, visualizando a partir das práticas e

²Uma atuando como coordenadora de área e outra como bolsista do PIBID.

discursos uma teia de significados, conforme Geertz (2008), incrustados nesse espaço social, permitindo um olhar cauteloso e atento para as situações que denotavam discriminações e preconceitos em termos do gênero e da sexualidade, em particular quando esses/as sujeitos/as eram mulheres e LGBT, historicamente subalternizadas, (in)visibilizadas e alocadas à margem, como diz Louro (1997).

A efetivação da coleta de informações foi realizada durante os meses de maio a novembro de 2018. Foram selecionados/as um total de dez estudantes, todos/as cursando o 2º e 3º ano do ensino médio³, maiores de 18 anos de idade, onde foram contempladas diversas identidades de gênero (meninas e meninos heterossexuais e pessoas LGBT), de modo que possibilitou verificar a partir de olhares heterogêneos, os sentidos das práticas discursivas reverberadas e manifestadas sobre o referido tema na escola, o que também possibilitou a esses/as discentes refletirem sobre suas práticas e relacionarem a situações outras que envolvem os demais sujeitos/as que

³ A seleção por estudantes das respectivas séries do ensino médio se deu pelo fato de estarem a mais tempo naquele contexto e possivelmente maior familiaridade e conhecimento sobre a sua dinâmica e seu corpus. Outro motivo dessa seleção foi o fato de que nas séries escolhidas havia uma maior quantidade de pessoas com idade a partir de 18 anos, critério de efetivação das entrevistas.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Políticas da Educação

compõem a escola, como professores/as, funcionários/as, direção escolar e coordenação pedagógica.

Utilizou-se como técnica para a coleta de informações a entrevista, considerando que se trata de um instrumento que possibilita o detalhamento e aprofundamento da fala dos interlocutores. Utilizou-se o tipo semiestruturado, considerando que a inserção ao campo se deu mediante um roteiro com nível médio de estruturação, dado o conhecimento que já se tinha acerca do tema e das questões que se pretendia investigar, questões essas advindas dos resultados de uma pesquisa anterior realizada numa escola pública de tempo regular, cujo material coletado permitiu a continuidade e aprofundamento desta atual pesquisa.

A observação foi outra técnica utilizada para a captação e complementação de informações. Observou-se os momentos de interação dos(as) estudantes na educação física, nos intervalos e pós-horário de almoço onde costumavam conversar, encontrar colegas e seus namorados/as. Nos momentos das entrevistas também se fez observações a fim de perceber como se portava o corpo como instrumento de linguagem e comunicação, através do qual se percebeu possíveis inquietações,

raiva, medo e/ou tristeza manifestadas ao enunciarem suas práticas e aquelas que faziam referência aos demais integrantes da escola.

Desse modo, a observação foi uma ferramenta de descoberta e verificação, ao passo que potencializou uma vigilância de ações, das falas, do posicionamento do corpo, do tom de voz e dos gestos externados. Permitiu constatar afirmações, complementações e possíveis contradições das falas. Esse misto de observações e entrevistas, potencializou uma espécie de observação sociológica que agregou e certificou, por intermédio de um olhar minucioso e cuidadoso, os acontecimentos variados que cercam os/as discentes e o contexto social no qual eles/as estão inseridos/as (BEAUD & WEBER, 2007; 2010).

O tratamento analítico dos dados se deu através da análise de discurso, uma vez que se pretendia saber sobre a produção de sentidos dos discursos dos estudantes em torno de gênero e sexualidade na escola (SPINK & MEDRADO, 2013). Segundo esses autores, compreender as práticas discursivas requer perceber as palavras em articulação com as ações situadas, já que aquilo que é proferido pelos/as sujeitos/as baseia-se como parte do pressuposto e do ponto de vista que integra: perspectiva do/a



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Relações de Gênero

sujeito/a, o seu horizonte conceitual, suas interações e sua visão de mundo, agrupando aspectos voltados para a voz dos/as sujeitos/as (SPINK & MEDRADO, 2013).

Em todas essas etapas da construção da pesquisa, o uso do diário de campo esteve presente auxiliando em ocasiões diversas. Essa ferramenta foi útil para que se registrasse o processo de inserção em campo e permanência na escola assinalando momentos de êxito, anotações complementares, assim como o registro dos diversos percalços que acometeram e inviabilizaram alguns momentos em campo. Esse acessório também foi importante durante as transcrições das entrevistas e produção de dados. Ou seja, o diário de campo foi facilitador de descrições densas e minuciosas, na medida que essas descrições permitiram refletir sobre os/as sujeitos/as, seus lugares de fala e suas subjetividades (GERHAEDT & SILVEIRA, 2009).

É válido destacar que durante a realização da pesquisa levou-se em consideração os preceitos éticos, como preservação da identidade dos/as sujeitos/a e confidencialidade. Essa pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP)/UFPI.

Resultados e Discussões

Os resultados parciais da pesquisa sinalizam para discursos tradicionais e reguladores da heteronormatividade. Quando associados às mulheres sinalizam a presença de concepções tradicionais de gênero, relacionando-as aos afazeres da casa, considerando-as intelectualmente inferiores e criticando-as pela liberdade de práticas no tocante as relações afetivo-sexuais. Em relação às pessoas LGBT há um teor regulador e defensor da heterossexualidade como padrão regimental do exercício ideal da sexualidade, onde as expressões e sentimentos homoafetivos são vigiados e coagidos a conter prazeres, desejos e afeições a fim de preservar uma boa imagem da escola.

Os discentes elencaram situações diversas que envolvem práticas e discursos carregados de violências pelos/as sujeitos/as que compartilham cotidianamente a escola. A partir desses discursos foi possível inferir que tanto as mulheres, como pessoas LGBT, ainda são discriminados/as pelas suas condições de ser/estar. Mais do que analisar o teor da discriminação, cabe ressaltar como esses/as sujeitos/as vêm respondendo ao lugar de subordinação que lhes são atribuídos adotando uma postura de resistência frente



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Relações de Gênero

aos insultos manifestados.

Quando as situações envolvem discriminações relacionadas às mulheres pela sua condição de mulher, é possível notar um conjunto de práticas que inferiorizam as meninas em suas participações em sala, a saber: reforço das atividades generificadas, atrelando mulheres ao espaço da casa e censura nos seus relacionamentos afetivos-sexuais quando logram uma sexualidade ativa.

A descrição de Juca, a seguir, é um demonstrativo da presença de uma cultura patriarcal e machista que acentua uma ideia de masculinidade ativa, socialmente atribuída aos meninos garantindo-lhe um status de “garanhão” de modo que não haja nenhum motivo de desconfiança no exercício da sua sexualidade. O oposto parece acontecer quando essa prática é realizada pelas meninas, socialmente ensinadas a se manterem resguardadas, castas e puras, uma vez que subverter essa legitimidade social incrustada nos arranjos sociais de gênero, ao modo de Connell & Pearse (2015), implica associá-las depreciativamente como “raparigas”/ “comida de todos”, sendo estigmatizadas e desqualificadas tanto pelos meninos, como também pelas meninas por adotarem tal postura (DAMATTA, 1986; GOFFMAN, 1982), como se pode nesse relato.

Lá na sala mesmo tem um menino que se diz que é o

pegador de todas, diz que pega não sei quem, que pega a outra, pega acolá, aí nois fica falando: ah é o garanhão da sala, é o tal. Mas a menina não! Tem uma menina lá na sala que é desse jeito, aí nois fala logo: ah essa aí é rapariga (risos)! Tipo assim, quando ela vai passando: ó essa aí é rapariga, ela pega todo mundo! Tem um grupo de amigos, menino e menina, aí quando passa fala: oia aquela alí é rapariga, pega tudim, já deu num sei pra quantos! Aí quando é o menino: ó garanhão aí, oh bichão aí, pega todo mundo (Juca, 18).

A situação narrada por Malu sinaliza um desgosto e inquietação do colega de classe quando é mencionado sobre as possibilidades de ascensão das mulheres na esfera pública e de serem socialmente reconhecidas. Ao elencar as atividades que as mulheres, segundo ele, devem exercer, enquadra naquelas associadas ao espaço da casa, remetendo mulheres aos cuidados da casa, denotando uma clara divisão sexual do trabalho. Aqui, é válido destacar o posicionamento de Malu e das outras colegas de classe ao vivenciarem tal situação, uma vez que revidam e questionam o posicionamento do colega, do mesmo modo que a docente presente em sala se porta, talvez numa tentativa de fazê-lo refletir acerca de um discurso que desigual e compromete o próprio exercício de direitos e cidadania das mulheres.

Na sala de aula, quando tipo um dos meninos que estuda comigo, ele



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

falou numa aula, porque a gente tava falando sobre igualdade de gênero, meio que falou que as mulheres tinha que ficar pra lavar, passar, cozinhar, essas coisas, aí meio que a gente se chateou e todas as meninas começou a falar um monte de coisas pra ele, que ele era muito idiota, essas coisas, revidamos e questionamos porque que ele tava pensando daquele jeito e aí foi só isso mesmo (...), a professora pediu pra gente se acalmar, aí ela foi conversar com ele, falar que também não era assim, aí enfim... a gente não revidou mais e ele também não falou mais nada (Malu, 19).

Para ilustrar as práticas discursivas referente às mulheres, Malu relata uma situação que diz respeito à participação das alunas em sala de aula, uma vez que ao se colocarem e não obterem êxito naquelas disciplinas consideradas mais difíceis, são alvo de xingamentos por parte dos meninos, colocando-as como intelectualmente incapazes. Já entre eles, se percebe uma espécie de camaradagem, já que quando não correspondem às expectativas positivas da atividade se unem para que não haja piadas ou ridicularização entre eles. Nesse exemplo é possível visualizar que o posicionamento docente, diferentemente da situação anterior, acaba por corroborar com a violência simbólica praticada pelos meninos, já que ao solicitar que todos/as calem a boca, acaba por naturalizar uma prática que contribui para acentuar o leque de desigualdades, uma

vez que não é algo problematizado.

(...) tipo a mesma dúvida que eu tenho, não necessariamente você tem, talvez você tenha entendido melhor do que eu, mas aí tipo se eu erro, começa os meninos: aahh burra, não sei o que (situação de auê), já falaram comigo, com as meninas da minha sala, burra, não sei o que...você não sabe, tipo tirar sarro, gritar, fazer algazarra, essas coisas... (pergunto e quando um menino erra?) Eles brincam entre eles, porque as meninas não falam nada, a maioria é os meninos que falam: eita, cara... isso entre eles, a gente não costuma falar (pergunto geralmente quais as aulas) matemática, as de mais dúvidas.. biologia, química... Ele (o professor) só pede pra todo mundo calar: cale-se, ele manda todo mundo calar a boca que ele quer falar, só isso... meu Deus, que menina burra! Deixa de ser burra! ou então: meu Deus do céu não acredito que tu tá errando isso não, como se obrigatoriamente eu precisasse saber de tudo, tendeu?! Me deixa demão, e daí? Eu tô tirando dúvida, o problema é meu, essas coisas... (Malu, 19).

Já quando se trata das situações voltadas para o público de pessoas LGBT, as práticas discursivas estão relacionadas a uma espécie de reprovação dos relacionamentos homoafetivos no espaço da escola, de forma que são direcionados/as por meio de mecanismos diversos, conforme Louro (1997) e Foucault (2017), a exercerem um controle e disciplinamento dos seus corpos e afetividades, sinalizando a heteronorma como a prática adequada a ser seguida.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Relações de Gênero

As duas experiências a seguir, vivenciadas por Juca, fazem referência ao seu relacionamento afetivo com outro garoto da escola, o que parece gerar certo incômodo por parte de discentes e da direção. Na primeira situação se tem uma tentativa impulsionada por “machão” de demonstrar que a prática heterossexual é a mais adequada, considerando repulsivo o fato de Juca se relacionar com outro garoto. Todavia mesmo frente aos insultos, Juca reafirma sua “escolha” e demonstra através de outros elementos quais atitudes são consideradas por ele errôneas, uma estratégia de defesa, e de resistência ao validar o que considera bom para ele

(...) que são os que se dizem os... como é que se diz? os “machão” vamos dizer assim, eles falavam: ave maria isso é feio, bicho! Isso é feio namorar com homem, aí eu pegava e falava: não, o feio é eu tá lá fora vendendo droga, assaltando, matando, mas aqui dentro isso não é feio (...) mas depois foi normal, reagiram normal. Só foram esses mesmo, dizendo que era feio, que era pra mim escolher uma mulher, que era pra ser hétero, e eu dizia: não! Eu vou escolher o que eu quiser, se eu escolhi ser assim, eu vou ser assim! (Juca, 18).

Nesse outro episódio envolvendo a direção, é possível deduzir uma discriminação que tenta ser atenuada frente às possibilidades elencadas para que não haja uma relação homoafetiva nos intramuros da escola, alegando que seria inadequado para a imagem

da escola e que poderia “manchar” a instituição, diferentemente do que acontece com os demais casais com relacionamentos heterossexuais que não demandam nenhuma condição ou hipótese e parece estar “tudo bem”, pois correspondem a um preceito legitimado socialmente e atendem a escala de uma hierarquia do exercício da sexualidade (PRADO, 2013). O que parece distinguir nesse relato, em relação à situação anterior, é a forma de se portar frente as colocações feitas, uma vez que aqui não há o enfrentamento por parte de Juca, possivelmente por perceber ali uma relação hierárquica em que a diretora e vice diretora representam uma autoridade e detém certo controle e autonomia em relação a escola.

A diretora e a vice diretora me chamaram pra conversar, dizendo que era pra mim continuar, que me dava apoio, essas coisas, mas que não era tipo pra ter relação aqui no colégio, tipo pra também preservar a imagem do colégio... tipo assim o colégio fica reconhecido: armaria aquele colégio só forma casal lgbt, acho que por causa disso (...) Aqui no colégio tem casal gay e tem um casal lésbico também, que é do terceiro ano, daí casal hétero eles não falam nada, mas com casal lgbt eles falam. Com casal hétero tá tudo bem. Chamaram nós dois.. que era pra nós namorar, era! Mas não ter relação no colégio, que era pra gente preservar também nossa imagem (Juca, 18).

Outro exemplo que marca a forma



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas da Cópia

como a direção/coordenação da escola se portam frente às relações homoafetivas, é apresentada também no relato de Tina, quando descreve os atritos e conflitos que se desenrolavam com a coordenadora, que parecia rastreá-la e vigia-la juntamente com sua namorada na escola (FOUCAULT, 2017), onde qualquer demonstração de carinho não é permitida, quando acontece são repreendidas e colocadas nas rédeas para seguir determinada normatividade.

(...) Aqui na escola algumas pessoas têm muito preconceito, alunos, professores eu não sei, mas funcionários sim, que trabalham aqui na escola, a própria que abriu aqui (coordenadora), ano passado eu tive meio que uma intriga com ela, por conta que ela tava... pelas coisas que ela tava fazendo, eu e a (namorada) tava vendo que ela tava com um certo preconceito entre eu e ela, por conta que ela tava chamando muito a minha atenção e a da (namorada dela) na diretoria, porque a gente não podia andar abraçada (...) eu chamei a coordenadora e disse pra ela o que tava acontecendo, e chamei a diretora também pra dizer o que tava acontecendo, e resolvi falar pra ela o que realmente tava acontecendo e chamei a (namorada) também, nós quatro: eu, (a namorada), a coordenadora e a diretora, pra falar o que tava acontecendo entre a gente e a coordenadora, aí disse pra ela o que aconteceu, aí a (namorada) tava chorando e disse que achava que ela tava com preconceito porque ela tava só pegando no meu pé, olhando nas câmeras direto, e tavam mentindo, porque já tavam inventando história

e eu disse pra ela: é certo que a gente já se beijou na escola, mas não como ela vive falando aqui dentro da diretoria e nem como ela faz o povo pensar dentro da diretoria e aí a gente pegou e a diretora tomou providência e conversou com ela, e hoje em dia ela não fala muito mais comigo, assim o básico (...) (Tina, 19).

Por fim, o exemplo de Malu ilustra o posicionamento de alguns docentes quando avistam estudantes LGBT externando desconforto, espanto e nojo, sobretudo, quando visualizam demonstrações de afetividades entre o casal. Essa linguagem corporal manifesta certa repulsa, possivelmente indicando uma ideia de abjeção ou de algo que é considerado abominável (BUTLER, 2016)

Tipos caras e bocas, porque geralmente eles veem assim e já ficam com aquela cara assim meia assustada, meio de rejeição, eu já vi aqui situações dessa, eles não falam pra gente escutar, pode ser que eles falam na sala dos professores, né?! (...) É em sala de aula, corredores com relação a alunos lgbs, eu já vi tipo com cara de nojo, porque uma das meninas namora uma menina de uma outra sala, a que é lgbt namora com uma menina de outra sala e quando elas ficam abraçadas nos corredores, os professores passam com olhar de espanto, eu já vi esse tipo de coisa (...) (Malu, 19).

Conclusões

Esse estudo possibilitou perceber, através dos discursos dos/as alunos/as, como o espaço escolar, onde a princípio se espera ter igualdade de direitos e exercício



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

pleno da cidadania, é um espaço marcado por manifestações de discriminações e violências referente às mulheres e pessoas LGBT. Desse modo, a escola é um espaço onde parece prevalecer valores tradicionais, guiados por um disciplinamento e normatização daqueles/as que são considerados transgressores/as.

Todavia, ao tempo que esses valores tradicionais e dominantes se apresentam demonstrando o peso de uma estrutura forte, as resistências também se fazem evidentes nesses lugares de subordinação e marginalização as mulheres e pessoas LGBT, de modo que se percebe um quadro de permanências e mudanças conforme Bourdieu (2002).

Entretanto não para atestar a eternização de uma estrutura dominante, mas para perceber ruídos nessa estrutura quando há resistências cada vez mais insistentes desses corpos abjetos que habitaram as margens por imposição e agora querem mudar de lugar, querem ser reconhecidos/as, respeitados/as, exercer a sua cidadania ter direitos e exerce-los.

Todavia também não se pode deixar de ressaltar que na medida em que a presença dessas discriminações ainda é uma realidade no contexto da escola, há também a necessidade de desfazê-las, desconstruí-las, trazendo

para o contexto escolar diariamente o exercício da igualdade e liberdade entre todos/as através das discussões no tocante a gênero e sexualidade, de modo a suscitar não somente nos/as alunos/as a importância dessa reflexão, mas também nos demais membros da escola, uma vez que as violências perpassam todos os segmentos que integram esse lócus de saber e portanto de poder.

É preciso, sobretudo, romper, ainda que paulatinamente, com as banalizações dessas violências, encobertas pelas brincadeiras e piadas cotidianas que acabam por fortificar ideais machistas, preconceituosas e dominantes, pois segundo Louro (2016), essas não são práticas neutras, uma vez que projetam diversos significados e podem culminar em constrangimentos e humilhações, bem como acentuar o quadro de desigualdades sociais que assolam diversos contextos sociais, dentre eles o contexto escolar (LOURO,1997; 2003; MISKOLCI, 2012, 2014).

Referências

- BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Relações de Gênero

- BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. *Considerações sobre a etnografia na escola e prática investigativa sobre as relações raciais e de gênero*. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicole. *Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática*. Petrópolis, edições vozes: 2010.
- CITELI, Maria Teresa. *O feminismo mudou a ciência?*. *Cadernos Pagu* (17/18), p. 373-377: 2001.
- CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. *Gênero: uma perspectiva global*. Tradução: Marília Moschkovich. 3ª ed. São Paulo: nVersos, 2015.
- DAMATTA, Roberto. *Sobre comidas e mulheres*. In: DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- DAYRELL, Juarez. *A escola como espaço sociocultural*. In: _____ (org) *Múltiplos olhares sobre a educação e cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1966.
- FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade: a vontade do saber*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. 4ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra, 2017.
- _____. *Microfísica do Poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. 25 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1ed. 13 reimpr. Rio de Janeiro: LCT, 2008.
- GERHARDAT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de pesquisa*. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil- UAB/UFRGS e pelo curso de graduação tecnológica-planejamento e gestão para o desenvolvimento rural da SEAD/UFECS- Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GOFFMAN, E. (1982) “Estigma e identidade social”. In. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Zahar Editores, Rio de Janeiro, p. 11-50.
- LOURO, Guacira Lopes. *Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”*. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- _____. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 2 ed. Petrópolis, RJ: vozes, 1997.
- _____. *Pedagogias da sexualidade*. In: LOURO, Guacira Lopes (org) *O corpo educado*. 2ª ed, Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- _____. *Discriminação, silêncio, segredo: a violência escondida*. In: ROCHA, Marcos Antônio Monte (org.). *Gênero, sexualidades e discriminação*. Fortaleza: Expressão gráfica e editora, 2016.
- LONGINO, Helen E. *Epistemologia feminista*. In: GRECO, John; SOSA, Ernest (org). *Compêndio de epistemologia*. São Paulo, Edições Loyola: 2008.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 28 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- MISKOLCI, Richard. *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças*. 2ª ed. Rev e ampl. Belo Horizonte: Autêntica editora: UFOP- Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.
- _____. *Marcas da diferença no ensino escolar*. São Carlos: EdUFSCAR, 2014.
- RAGO, Margareth. *Epistemologia feminista, gênero e história*. In: PEDRO, Joana M.; GROSSI, Miriam (orgs). *Masculino, Feminino, Plural: Gênero na Interdisciplinaridade*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.
- PRADO, Vagner Matias. *Falando sobre gênero e sexualidade na educação: vamos nos permitir?* 1 ed. Curitiba, PR: CRV, 2013.
- SPINK, Mary Jane Paris; MEDRADO, Benedito. *Produção de sentidos no cotidiano*. In: SPINK; Mary Jane (org.).



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

Práticas discursivas e produção de sentidos: aproximações teóricas e metodológicas. Rio de Janeiro: Editora Cortez, 2013.